

ACADEMIA MILITAR



MARECHAL
MANUEL DE OLIVEIRA GOMES DA COSTA
(1863 – 1929)

PATRONO DOS CURSOS DE ENTRADA NA ACADEMIA MILITAR
ANO LECTIVO 2019/2020

Trabalho realizado por:

António Rodrigues Borges da Silva (*)

Capelão

Academia Militar, julho de 2019

(*)Capelão da Academia Militar; Capelão da Unidade de Segurança e Honras de Estado (GNR); Reitor da Igreja da Memória; Delegado da DFAFS para as JMJ; Vigário Paroquial de Santa Maria de Belém e de São Francisco Xavier. Doutor em Ciências da Educação, Especialidade Promoção para a Saúde (UL-FMH-2012); Mestre em Terapias Cognitivo-Comportamentais (ULHT-2004); Licenciado em Psicologia (ISPA-2000); Mestre em Teologia Pastoral (UCP-1994); Licenciado em Teologia (UPS-1993).

PATRONO DOS CURSOS DE ENTRADA NA ACADEMIA MILITAR

ANO LECTIVO 2019/2020



MARECHAL
MANUEL DE OLIVEIRA GOMES DA COSTA
(1863 – 1929)¹

¹ Imagem do Museu da Presidência da República.

Concedei-me, Senhor, a serenidade necessária
para aceitar as coisas que não posso mudar.
Coragem para modificar aquelas que posso e
sabedoria para distinguir umas das outras².

1. Introdução

A pesquisa tem acumulado provas convincentes de que a realização pessoal vai muito para além das conjunturas históricas, da disponibilidade de bens e serviços (acesso ao sistema de saúde, à escolaridade, à segurança, a recursos físicos de lazer, etc.), dos acontecimentos positivos (aquisições, vitórias...) e dos recursos financeiros³.

Os trabalhos de Lyubomirsky, Sheldon e Schkade no ano de 2005, posteriormente replicados pelos mesmos e por outros autores, identificam três grandes áreas na construção do ser humano.

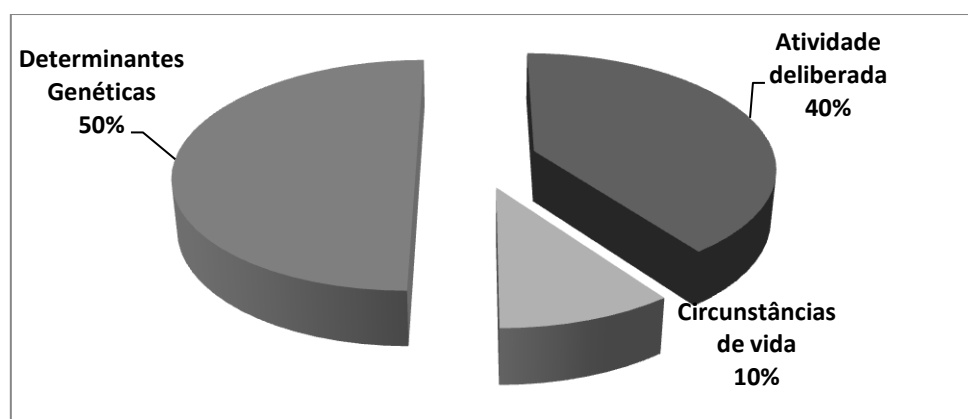


Figura 1 – Determinantes da construção, realização pessoal e bem-estar

Embora possa parecer exagerado, cerca de 50% das diferenças dos níveis de realização da pessoa depende do seu valor de referência, determinado geneticamente. Existe uma tendência a regressar a este potencial de realização, inclusivamente após grandes contratempos ou deslumbrantes triunfos.

Cerca de 10% da discrepância nos níveis de realização pessoal são explicados pelas circunstâncias de vida.

Finalmente, 40% das diferenças nos níveis de satisfação e realização do ser humano depende da sua consciência de si e dos outros, da sua atividade deliberada, dos

² Boecio (524). *De Consolatione Philosophiae*.

³ Wilson & Gilbert, 2005.

seus comportamentos, da hermenêutica que faz da vida, da motivação, da reflexão, da capacidade de iniciativa, do investimento no desenvolvimento das próprias competências e no saber lidar com o risco. Deste modo, a realização pessoal, que associa a saúde, a satisfação com a vida e o bem-estar, não consiste em mudar a constituição genética, nem em mudar as circunstâncias de vida – isto é, viver noutro enquadramento histórico – mas sim na forma de pensar e de interpretar, nas atitudes perante a realidade, no tipo de estratégias adotadas para lidar com as circunstâncias da vida, nas opções deliberadas de todos os dias⁴.

Aumenta-se ou diminui-se o nível de satisfação e realização pessoal com o que se faz da própria vida quotidiana, com o rumo e o caminho que se escolhe percorrer, com o modo como se interpreta e se trabalha as características genéticas, com o estilo de abordagem das circunstâncias de vida, com as áreas de compromisso e investimento que se decide abraçar, com a forma como se pensa e enfrenta os desafios. Consciencializar que nem a referência genética nem as circunstâncias de vida são a chave determinante do nível de realização pessoal de alguém outorga muito poder e muita responsabilidade a cada ser humano e a cada comunidade ou organização: compete a cada pessoa assumir-se, interessar-se e procurar o melhor por si mesmo, nos contextos que se lhe for dado viver⁵; compete a cada comunidade ou organização zelar por providenciar os melhores recursos, o melhor envolvimento, os melhores modelos de competência, mérito e saber para que cada indivíduo se estruture e motive em ordem à transformação das realidades adversas: é neste âmbito concreto do enquadramento existencial que são dadas a cada ser humano oportunidades de construção do presente e de um futuro de horizontes amplos e abertos.

É certo que o ser humano tem uma base genética muito forte mas os genes, para se expressarem ou deixarem de o fazer, necessitam do ambiente ou do contexto propício. Isto significa que, independentemente da predisposição genética, para que determinada tendência se manifeste ou deixe de manifestar, desencadear essa propensão depende, em muito, da qualidade das opções de cada pessoa e da qualidade do contexto em que se vive⁶.

Cada ser humano tem imensas possibilidades de melhorar, de construir o seu bem-estar através daquilo que faz, como faz e para que faz, das atividades deliberadas,

⁴ Lyubomirsky, Sheldon & Schkade, 2005.

⁵ Ferraz, Tavares, Zilberman, 2007; Lyubomirsky, 2008.

⁶ Taylor, Way, Welch, Hilmert, Lehman & Eisenberger, 2006.

do “ambiente” que decide edificar e do estilo de vida que adota. Ninguém está condenado a obedecer às diretrizes dos próprios genes, nem às conjunturas temporais. Muitas das experiências vitais podem estar sob o nosso controlo⁷.

A Academia Militar designou como Patrono dos cursos de entrada no ano letivo 2019-2020 o Marechal Gomes da Costa. No dizer de Joaquim Veríssimo Serrão, «um valoroso cabo-de-guerra, que fora companheiro de Mouzinho nas campanhas de pacificação de Moçambique e que servira em altas missões no Estado da Índia, em Angola e São Tomé e Príncipe. Durante a I Guerra Mundial cobrira-se de glória no teatro de operações de França, como comandante da 1ª Divisão Portuguesa, tendo ali ganho o grande oficialato da Ordem da Torre e Espada. Conhecido pela sua bravura, era um militar de grande pundonor e que muitos consideravam um símbolo das virtudes castrenses⁸.

Gomes da Costa foi o 10º Presidente da República Portuguesa e o segundo da Ditadura Nacional.

2. Dados biográficos e o relevo da formação inicial

Manuel de Oliveira Gomes da Costa nasce em Lisboa em 14 de Janeiro de 1863. Filho de Carlos Gomes da Costa, oficial subalterno, de modesta origem camponesa, e de Madalena Rosa de Oliveira Costa.

Seguindo a carreira de seu pai, passa parte da infância em Timor e em Macau, onde faz o primeiro exame no Seminário de São José.

O pai de espírito metódico... não era para brincadeiras... A mãe era dum irrepreensível asseio e ordem⁹... pelo que Gomes da Costa sempre se sentiu monitorizado pelos pais e, ao mesmo tempo, com espaço de liberdade e responsabilidade para interagir com as gentes locais. Esta interação feita de proximidade, de saber estar, de diálogo presencial e frontal com as diferenças, de respeito e compreensão, acompanhará Gomes da Costa ao longo de toda a vida nos diferentes teatros de operações, constituindo um fator distintivo do seu modo de comandar e construir relação.

⁷ Lyubomirsky, 2008.

⁸ Serrão, 1989. História de Portugal. Volume XI, p. 325.

⁹ Costa, 1930. Memórias, pp. 2, 6 e 14.

Frequenta o Colégio Militar, onde não completa o curso, por ter atingido o limite de idade: «o menino não quer estudar, vai sentar praça»¹⁰, ter-lhe-á dito seu pai.

A vida de soldado, as longas horas de guarda ao paiol, favoreceu a autoanálise, a reflexão pessoal, a antecipação dos “eus” possíveis. Faz a sua opção vocacional, traça a linha imaginária do rumo a seguir, interioriza a matriz de soldado de Portugal, investe todas as suas forças a ponto de pedir ao pai para continuar os estudos. Fez os exames do 5º e 6º ano e ingressou no Curso de Infantaria da Escola do Exército, como Cabo, decorria o ano de 1881. Concluiu o curso em 10/46, com a nota de 13,6 de mérito final¹¹.

Os princípios de disciplina e brio incutidos pelos pais, reforçados no Colégio Militar e desenvolvidos na Escola do Exército tornaram-no enérgico, disciplinador, valente e, segundo afirma Mouzinho de Albuquerque: “com qualidade que não é vulgar atingir e difícilimo exceder”¹².

É curioso que a pesquisa mais recente em âmbito das ciências comportamentais, tem trazido à evidência que, durante o percurso formativo, no caminho para a autonomia e para a vida adulta responsável, a adoção de ritmos de trabalho, o desenvolvimento de competências técnicas e relacionais, a adoção de metodologias ajustadas de confronto com a realidade (estratégias de *coping* adequadas), a opção por comportamentos de vida saudáveis, o conhecimento de si, o hábito de refletir sobre si e sobre os acontecimentos da história, constitui prenúncio de estilos de vida com qualidade em toda a maioridade¹³.

Em diversos momentos das suas Memórias, o Marechal Gomes da Costa testemunha a importância fundadora e estruturante da formação inicial: «Saí da Escola do Exército com um alto sentimento do dever militar e das obrigações que eu entendi contrair... Educado por meu Pai, severo e rude soldado, tive sempre uma grande dedicação pelo serviço e a isso devo o ter conservado sempre a minha linha de soldado verdadeiro que me prezo de ser¹⁴».

«Atribuo a grande resistência física que tenho tido na minha vida, e que me tem permitido atravessar as duras provações da minha vida africana, ao grande exercício a

¹⁰ Costa, 1930. Memórias, p. 23

¹¹ EE, livro 11, folhas 44, masso 51, nº de processo 3203.

¹² Albuquerque, 1935. *Relatório da Campanha dos Namarrais (1897)*.

¹³ Bisegger et al., 2005; Sánchez, 2008

¹⁴ Costa, 1930. Memórias, p. 32.

pé e a cavalo... e à ginástica e esgrima quando no Colégio Militar e na Escola do Exército»¹⁵.

As vivências da infância associadas às leituras e aos estudos na Escola do Exército, tiveram enorme influência em Gomes da Costa que, depois de promovido a Alferes Graduado para o Regimento de Infantaria 11 em Tomar, solicita ao Capitão da sua Companhia a responsabilidade direta por uma secção, de modo a pôr em prática as aprendizagens da Escola do Exército e a testar as próprias competências. O tempo passado com os soldados, «cuidando deles, estudando-lhes a psicologia» fê-lo «adquirir naturalmente o espírito militar»¹⁶.

A ruminação interior dos acontecimentos e das aprendizagens obtidas nas leituras e vivências diretas serão, ao longo da vida de Gomes da Costa, fatores que alimentam a sua confiança, o seu saber de liderança, a sua interpretação e abordagem das novas conjunturas existenciais. As vivências são sempre oportunidades para retirar novas aprendizagens e consolidar as anteriores.

3. Perceção de autoeficácia: competência técnica e liderança

A força da reflexão, a interpretação do sentido dos episódios, a perseverança no rumo, a consciência da vontade da coerência, a contemplação da realidade presente para futuros possíveis, fazem com que Gomes da Costa se reinvente, se reorganize, se reajuste, reencontre em si novas forças: surge então a perceção de autoeficácia, de ter nele próprio o potencial desencadeador de mudança para melhor.

Depois do insucesso nos estudos, no Colégio Militar, a reorganização interior nas longas noites de vida de soldado, levam-no a completar os estudos, a entrar na Escola do Exército que ultrapassa com êxito.

Os primeiros tempos no Regimento de Tomar, fazem-no traduzir para a prática os conhecimentos teóricos apreendidos na Escola do Exército, com resultados na qualidade de entrega dos soldados e na sua capacidade de conhecimento e comando militar. Esta crescente perceção de autoeficácia, esta autoconfiança, esta autoestima acompanhará Gomes da Costa ao longo de toda a sua carreira militar e pessoal, sendo que em alguns momentos o fizeram até demasiado temerário.

Não vive por acaso nem para o acaso. Cumprir é fazer acontecer, é ser protagonista, é liderar com sentido, é servir com profissionalismo, é caminhar com

¹⁵ Costa, 1930. Memórias, p. 42

¹⁶ Costa, 1930. Memórias, p. 33.

quem se comanda, alimentando a lealdade e dando qualidade. A reflexão e os estudos são de interesse maior, mas se se fecharem sobre si mesmos, não fazem avançar, ajustar rumo, fazer melhor. Gomes da Costa após o estudo e a reflexão parte para o trabalho de campo, para o contacto direto com a realidade, para a operacionalidade mais eficaz e mais eficiente. Depois do trabalho de campo volta ao estudo, ao planeamento, à conjugação dos dados obtidos na realidade com os conhecimentos teóricos.

Na Índia e na África cumpre as missões com iniciativa, com generosidade, com rigor, com entrega, com a abnegação de quem sabe que os custos pessoais fazem parte de quem decidiu servir os superiores interesses do país, envolvendo todos os que comanda no esforço de mudança para melhor. Regista nas suas Memórias «acabada a revolta, começaram os trabalhos de pacificação e de disciplina do distrito (Gaza), trabalho árduo que me obrigou e aos oficiais do distrito a uma vida intensa de mato, com absoluta carência de comodidades»¹⁷. Mais tarde e noutro contexto «...tratei de reunir a gente e pôr um pouco de ordem na ilha. Restabeleci os postos avançados, fiz entrar tudo nos quartéis e depois de tudo restabelecido, por completo, é que fui descansar»¹⁸.

Depois de tomar posse como Governador do Distrito de Gaza, a 23 de março de 1897, seleciona, incorpora e treina os autóctones, que virão a tornar-se determinantes na manobra, nas operações e nas conquistas»¹⁹. Já sob as ordens de Mouzinho de Albuquerque, na Batalha de Macontene, a 21 de julho de 1897, estes homens provam a disciplina, o rigor, a autorregulação, a pronta obediência a quem os comanda e os conduz a contundente vitória²⁰.

De regresso a Lisboa, depois de comandar os Regimentos de Infantaria 1 e 16, Gomes da Costa forma e treina a 1ª Brigada Portuguesa do Corpo Expedicionário Português, desembarcando em Brest a 2 de fevereiro de 1917. As dificuldades sentidas na preparação e na Flandres eram tão violentas quanto os ataques das Divisões Alemãs. Não obstante, a força da sua presença, a capacidade de mobilização, o espírito com que resistiu às múltiplas adversidades, a forma como exerceu o comando na Grande Guerra mereceram-lhe o testemunho de numerosos louvores de entidades portuguesas e inglesas, tornando-se o seu prestígio conhecido de Norte a Sul de Portugal²¹. O

¹⁷ Costa, 1930. Memórias, p. 100.

¹⁸ Costa, 1930. Memórias, p. 82.

¹⁹ Costa, 1930. Memórias, p. 102.

²⁰ Costa, 1930. Memórias, pp. 120-124.

²¹ Marquês do Lavradio, p. 15.

desconforto de quem não se sente devidamente apoiado, a constatação do flagelo de tantos dias de trincheiras, o desgaste de tanto tempo de primeira linha não o demovem de se aproximar, de motivar, de fazer elevar o ânimo e o moral entre os soldados²².

No pós-guerra, Gomes da Costa desdobra-se em intervenções públicas de denúncia, de desacordo, de contestação do rumo da atividade política do país e do dever da história nacional. Portugal precisa de ser mobilizado, unido por algo em que acreditar e não ser dilacerado pela indiferença, face a múltiplos interesses de grupos, nem sempre bem definidos²³. É necessário mudar, e tal como na Grande Guerra, Gomes da Costa posiciona-se na primeira linha.

No seguimento do fracasso da tentativa de revolução de 18 de abril, Sinel de Cordes traça um novo plano: da província marchar sobre a Capital. A 25 de maio de 1826 Gomes da Costa inteira-se do plano de Sinel de Cordes, contabiliza os prováveis apoios e decide aceitar o convite para dirigir a revolução. No dia 28 de Maio de 1926, assume a liderança do movimento militar que, a partir de Braga, põe fim à I República. Tem consciência de que lidera uma amálgama heterogénea de interesses e doutrinas por vezes contraditórios, mas tem interiorizada a necessidade da mudança para o país e para o povo²⁴. «Seja com uma forte crença no futuro, que consigamos rejuvenescer a nossa Pátria e formar um Portugal maior»²⁵, escreveu ele nas suas Memórias.

4. Hermenêutica: da teoria à realidade, empreendendo

A realidade é sempre mais forte do que os modelos teóricos. Mais do que criticar e lamentar-se em processos cíclicos que nada fazem evoluir, após a análise da realidade torna-se necessária a iniciativa, empreender de modo a fazer avançar a formação, os laços, a cultura, o espírito de corpo, o futuro das instituições que se pretendem competentes, eficazes e eficientes. Disto mesmo dá nota o relatório lavrado pelo punho do Infante D. Afonso²⁶: «com valor e imposição da sua autoridade conduziu as forças dessa coluna aos embates e que em tudo revelou o seu alto mérito militar e o seu valor de soldado e é claro, que em presença do motor principal que assim patenteava a sua energia e que mostrava a todos que – querer é poder – os ânimos dos menos graduados e

²² Ver Borges, Marques, & Dias (2018). Diário de Campanha. General Fernando Tamagnini, pp. 47-398.

²³ Costa, 1930. Memórias, pp. 145-147.

²⁴ Rosas & Brito, Dicionário de História do Estado Novo, p. 237-238.

²⁵ Costa, 1930. Memórias, p. 146.

²⁶ Relatório do Infante D. Afonso, duque do Porto, comandante da expedição chegada a Pangim a 12 de novembro de 1895, in Marquês do Lavradio, 1942.

porventura de algum espírito mais fraco, se acercavam dele e prestavam excelente serviço».

Também Mouzinho de Albuquerque escreve: «Este oficial não só se portou de uma maneira brilhante no combate de Mojenga, onde revelou verdadeiro critério na disposição com que colocou os postos avançados de atiradores, e muita firmeza e sangue frio na forma como procedeu na guarda da retaguarda durante a retirada, mas pela maneira como soube incutir respeito... no curto prazo de 5 meses, pela forma como organizou e comandou os auxiliares durante as operações, na execução e direção de diversas operações de pequena guerra (razias, etc.), desde Dezembro de 1896 até Março de 1897»²⁷.

Depois de ter vivido, de 1893 a 1915, quase ininterruptamente, na Índia e em África, já como Coronel, Gomes da Costa regressa a Lisboa para comandar os regimentos de Infantaria 1 e 16. Pouco depois, perante a vontade política de se avançar para a Flandres afim de afirmar Portugal na senda internacional, diante das hesitações das chefias do Exército, disponibiliza-se a percorrer as guarnições donde deviam sair os contingentes para a 1.^a Brigada avançar para terras de França. Sob a supervisão de Norton de Matos, prepara as forças em Tancos e no dia 30 de Janeiro de 1917, em plena Grande Guerra, parte para a Flandres ao comando da 1.^a Brigada. Dois meses mais tarde constituía-se em França o Corpo Expedicionário Português, com 2 Divisões e a Gomes da Costa foi confiado o Comando da 1.^a Divisão, que entrou no teatro de operações a 2 de abril de 1917²⁸. Como se pode ler no Diário de Campanha do General Tamagnini, Comandante do Corpo Expedicionário Português, nem sempre as suas decisões são bem compreendidas em Lisboa, apesar de Gomes da Costa no teatro de operações da Flandres continuar a encontrar as melhores soluções – porventura as únicas possíveis face à falta de efetivos de oficiais e sargentos – para manter os comandos das Companhias e dos Batalhões ativos e os seus militares motivados²⁹.

Depois de regressar de França, depara-se com a agitação social, os confrontos violentos entre facções republicanas, a crise financeira, a corrupção, a desagregação das forças tradicionais republicanas, as vorazes alterações no panorama político-partidário. A sua interpretação do cenário a que se assistia não o deixa indiferente, pelo que se envolve profundamente no processo de mutação, de modo a fazer evoluir para a ordem

²⁷ Albuquerque, M. (1935). *Relatório da Campanha dos Namarrais (1897)*.

²⁸ Marquês do Lavradio, páginas 30 e 31.

²⁹ Borges, Marques & Dias, E. G. (2018). *Diário de Campanha General Fernando Tamagnini*: pp. 47-398.

e para a pacificação social: com este propósito escreve e profere diversas declarações contra vários ministros dos frágeis governos republicanos no início da década de 1920³⁰. O seu intervencionismo político cresce com artigos publicados nos jornais Seara Nova, Opinião e Jornal da Madeira, entre outros. As suas palavras são severas na análise da realidade social, política, militar e nas condições que haviam rodeado a participação de Portugal na Grande Guerra. Critica duramente os sucessivos governos, nomeadamente o ministro da Guerra, em 1922, o que lhe vale uma prisão correcional de 20 dias, sendo depois enviado pelo Governo em missão à China e à Índia, onde permanecerá até 1924.

De regresso a Portugal, a partir do seu quadro de referência de valores e saberes, Gomes da Costa continua o seu empenho genuíno de interpretação da realidade procurando o melhor sentido, o melhor rumo para servir o interesse coletivo, constituir instituições transparentes e honradas, orientar o povo no caminho da esperança. Escreve nas Memórias: «eu creio, e como verdadeiro crente, em pouca conta tenho a minha própria vida, átomo imponderável dessa massa enorme de cinco milhões de vidas, desde que possa contribuir, mesmo numa quantidade infinitamente pequena, para a prosperidade geral»³¹.

5. Autoridade: proximidade e exemplo

Desde a mais tenra infância, Gomes da Costa interiorizou a força da interação direta. Mais do que meros títulos ou fórmulas de cortesia a autoridade é algo que se exerce e não propriamente um título ou algo que se usa ou ostenta. A autoridade resulta do mérito, da estatura moral, da fundamentação e encadeamento da argumentação, do prestígio que se conquista graças à competência com que se serve, da forma como se desempenham as funções, da motivação com que se alenta a crescer, do brio que se incute em quem se comanda, dos horizontes com que se planeia e organiza, do rigor e da justiça com que se lida com pessoas e instituições, da coerência e firmeza com que se alimenta a confiança nas relações pessoais, da atenção que se presta aos vetores principais e à transparência e ética das metodologias.

Quer na Índia, quer na África, quer no Corpo Expedicionário Português a proximidade, a preocupação e o exemplo são uma constante em Gomes da Costa. Escreve nas suas Memórias: «Passei o tempo fazendo destacamentos e diligências e portanto quase constantemente nas estradas, convivendo muito com os soldados,

³⁰ Rosas & Brito, Dicionário de História do Estado Novo, p. 237.

³¹ Costa, 1930. Memórias: p. 148.

cuidando deles, estudando-lhes a psicologia e assim consegui compreender e adquirir naturalmente o espírito militar, a ciência de conduzir homens e a autoridade e o prestígio que sempre obtive naturalmente em todas as circunstâncias»³².

Desempenha variadas e importantes funções na Índia, Moçambique e Angola, cumprindo missões como as que resultaram das resoluções do Congresso de Berlim (1884-1885), nomeadamente a ocupação efetiva dos territórios e a sua pacificação, garantindo a liberdade de comércio e os direitos individuais³³.

Serve sob as ordens de Mouzinho de Albuquerque. No ano de 1897 destaca-se nas operações contra os Namarrais e no combate de Macontene, em Gaza³⁴.

Percorre trilhos, verifica o grau de confiança que as tropas podem inspirar, conhece o território, recolhe a informação necessária para bem orientar, participa nas operações, reconhecendo nas suas Memórias após «uma marcha violentíssima, de dez horas, das quais duas de combate, por caminhos terríveis... a rija têmpera dos soldados portugueses»³⁵.

Perante todas as dificuldades vividas na Flandres a quando da Primeira Grande Guerra, não vira as costas, antes intensifica a sua presença. Relata o Marquês do Lavradio: «Não era só a falta de efetivos que afligia, era também o estado das tropas, que em cinco meses de frente conheceram três Divisões inglesas à sua direita e quatro à sua esquerda; os oficiais que iam de licença não regressavam; as praças não conseguiam licença... Apesar de tudo, Gomes da Costa a todos animava com a sua presença, aparecendo quase diariamente nas trincheiras e unidades, procurando incutir nos soldados a coragem e a fé que ele possuía»³⁶.

As suas intervenções públicas e os seus escritos revelam a sua sensibilidade ao clamor do povo e a sua proximidade com aqueles que eram as principais vítimas da turbulência que se vivia entre as estruturas dirigentes do país no pós Grande Guerra. Mais do que nas altas figuras do Estado, conseguiu granjear autoridade e reconhecimento entre vários movimentos que ansiavam a ordem e a paz social.

Os feitos relatados da Grande Guerra, a postura, a ousadia, a firmeza, a proximidade, o exemplo, a coragem, o ânimo, a fé, o sentido de justiça, os valores e os

³² Costa, 1930. Memórias: pp. 33-34.

³³ Martins, 1945, História do Exército Português, pp. 418-419.

³⁴ Relatório de Rafael de Andrade, Governador Geral de Pangim 23-1-1896 e Relatório do Infante D. Afonso de 23 de abril de 1896, in Costa, 1930. Memórias: pp. 33-34.

³⁵ Costa, 1930. Memórias, p. 90.

³⁶ Marquês do Lavradio, página 33; Ver também Borges, J. V., Marques, I. P. & Dias, E. G. (2018). Diário de Campanha. General Fernando Tamagnini: Comandante do CEP, Comissão Portuguesa de História Militar.

horizontes que o norteavam tornavam-no respeitado, reconhecido como homem de princípios, creditado como figura de confiança, e considerado por grande parte da sociedade portuguesa, incluindo muitos intelectuais e imprensa de raízes mais conservadoras; ao mesmo tempo era temido e receado por muitos dos dirigentes do país. Para todos a sua autoridade sobressaía com naturalidade³⁷.

6. Inteira: autêntico, leal, íntegro, objetivo, coerente

O Marechal Gomes da Costa cultivou a identidade da lisura, a postura de quem quer estar bem consigo próprio, de quem dialoga com todos sem se anular, de quem sabe respeitar as funções e decisões de terceiros sem abandonar a fidelidade ao próprio pensamento, de quem adota um padrão comportamental consistente quanto à lealdade e à autenticidade; inspirador de confiança, fiel, responsável, assume as consequências deste seu ser e estar.

A título de exemplo, Rafael de Andrade, Governador-geral da Índia, em 1893, convidou-o para seu ajudante de campo. Quando em abril de 1896, após dissensões com o Infante Dom Afonso, Rafael de Andrade opta por regressar a Lisboa, Gomes da Costa sente e decide que o deve acompanhar. A mesma lealdade manifesta com Mouzinho de Albuquerque que o havia convidado para as campanhas de Moçambique: quando a 10 de julho de 1898 Mouzinho pede a exoneração, em consequência do decreto de 7 de junho, que restringia as funções do Comissário Régio em Moçambique³⁸, Gomes da Costa considera seu dever retirar-se com ele.

Desde cedo, não teme expor a sua seriedade, frontalidade, firmeza e coerência nos seus escritos. O assumir íntegro da missão que lhe fora confiada por Portugal leva-o a travar uma vigorosa campanha jornalística com a imprensa inglesa do Transvaal, a propósito do convénio de 1908, de onde saiu reconhecido e admirado³⁹.

O ser e o estar de Gomes da Costa torna-o incompatível com a busca de vantagens pessoais⁴⁰, convivendo mal com as pessoas fáceis na calúnia, na intriga e na infâmia, uma vez que nada constroem para o bem comum⁴¹. Apesar de (re)conhecer a diplomacia, abomina os “jogos de corte” de quem estuda ocasiões e estratégias para conseguir o espaço e o ambiente propícios a perseguir e obter interesses apenas para si.

³⁷ Serrão, 1989. História de Portugal, pp. 320-333.

³⁸ Marquês do Lavradio, página 27.

³⁹ Artigo de B.M., publicado no jornal “Província de Angola”, de 4 de junho de 1912, in Marechal Gomes da Costa (1930). Memórias, pp. 95-100.

⁴⁰ Costa, 1930. Memórias, p. 106

⁴¹ Costa, 1930. Memórias, pp. 141-143.

Como afirma o seu bisneto num documentário da RTP, movia-o o serviço aos superiores interesses de Portugal e as traições causavam-lhe revolta, pelo que não as admitia⁴².

É esta mesma inteireza que torna Gomes da Costa empático com o povo português, de tal forma que acede ao intervencionismo político, à conspiração, à busca de possíveis soluções para o país e, finalmente, a aceitar comandar o movimento militar de 28 de maio de 1926.

Não esconde as derrotas, não disfarça os números menos favoráveis. Mantém a verticalidade, mesmo quando os acontecimentos da história não acompanham a sua vontade e quando o estudo e o planeamento efetuados não obtêm os resultados almejados. Não escamoteia a realidade nem foge da objetividade crua dos momentos menos acertados, desfasados e pouco conseguidos. Por exemplo, nas suas Memórias refere, depois de ter sido nomeado comandante militar do Humbe, em Angola, decorria o ano de 1904, a 25 de setembro «perde 300 homens, dos quais 14 oficiais, enchendo de luto a alma nacional e muito especialmente a família militar⁴³. Em Moçambique, rejeitou acomodar-se na falsidade e seguir caminhos de corrupção, como prova a forma como reagiu ao major inglês Spilsbury e às acusações, intrigas e calúnias propaladas em Lourenço Marques. No primeiro caso pediu a exoneração e não aceitou qualquer vantagem que lhe era oferecida; no segundo caso exigiu o apuramento de toda a verdade em tribunal, não permitindo que o Ministro da Marinha arquivasse o processo⁴⁴.

Em relação à participação na Grande Guerra, na Flandres, refere que os portugueses se bateram briosamente, mas foram esmagados «perdendo mais de um terço do seu efetivo, o que prova a resistência que opôs»⁴⁵.

Quando, na sequência do Conselho de Ministros de 6 de julho de 1926, momento atribulado, Sinel de Cordes, um dos homens fortes da Ditadura Militar, com múltiplos apoios, retirou a chefia do governo a Gomes da Costa, oferecendo-lhe, em contrapartida, a Presidência da República, Gomes da Costa, não se revendo na solução, decide não aceitar o cargo⁴⁶, pelo que é detido no Palácio de Belém, posteriormente conduzido ao Forte de Caxias, transitando para o Palácio da Cidadela de Cascais e, a 11 de julho de 1926, para Angra do Heroísmo, nos Açores.

⁴² Pereira & Almeida, 2011. www.ensina.rtp.pt/artigo/gomes-da-costa.

⁴³ Marquês do Lavradio, página 28.

⁴⁴ Costa, 1930. Memórias, pp. 105-112.

⁴⁵ Costa, 1930. Memórias, p. 246.

⁴⁶ Rosas & Brito, Dicionário de História do Estado Novo, p. 237-238.

Ao longo de todo o seu percurso existencial, Gomes da Costa manifesta o seu apreço pelo caráter e pela coragem da decisão. A hermenêutica que faz em cada momento da vida e da história, numa coerente fidelidade ao seu quadro de valores, leva-o a tomar as suas decisões, assumindo de pé as consequências. Aborda as realidades concretas tal como são sem esforço de agradar. A sua lógica interior confere-lhe a coragem de correr os riscos inerentes às decisões: tem consciência de que inspira confiança nos amigos e temor nos que não se reveem no seu *modus vivendi*.

7. Resistência e resiliência: perseverança, espírito de sacrifício

Soube viver as circunstâncias pouco favoráveis, os infortúnios, as incomodidades, os desacertos, as provas da vida e da missão, vivendo na postura da aprendizagem contínua para, de forma mais sábia e mais fundamentada, construir esperança para o futuro. A consciência da fidelidade aos seus princípios e à missão que Portugal lhe confiara, conferem-lhe abnegação, espírito de sacrifício e generosidade para processar os infortúnios, lidar positivamente com as pressões, de modo a que se tornem momentos de elevação.

Como descreve nas suas Memórias, a passagem pelo Colégio Militar não foi propriamente uma etapa de sucesso; o insucesso nos estudos leva-o a assentar praça na companhia n.º 4 de artilharia de guarnição, em novembro de 1880, na Torre de São Julião da Barra. A firmeza e frieza da parte do pai, coloca-o perante as exigências concretas da vida de soldado. Os adultos significativos, os instrutores, os quadros têm também esta missão de fazer dar o salto para outros níveis de exigência, para a descoberta das próprias potencialidades, para o compromisso mais empenhado. É nesta envolvência que Gomes da Costa encontrou forças e coragem para completar os estudos necessários para entrar e concluir com sucesso a Escola do Exército⁴⁷.

Na Índia, durante o combate de Gutnem, que durou 5 horas, foi atingido no pé. Não quis que isso o impedisse de fazer a marcha de Sanquelim a Bicholim, apesar de ter escrito nas suas Memórias: «foi um dos maiores martírios da minha vida»⁴⁸. Ainda na Índia, a quando de uma viagem que teve de realizar na embarcação “Chire”, entre Chinde e Tete, deixa escrito: «Nove longos dias durou esta peregrinação, do Chinde a Tete, e durante ela, cem vezes me quis parecer que na ponte da Chire, estava gravado o

⁴⁷ Costa, 1930. Memórias, pp. 6-32.

⁴⁸ Costa, 1930. Memórias, p. 82.

verso que Dante esculpiu na porta do Inferno: “Lasciate ogni speranza, voi ch’entrate”»⁴⁹.

Em Moçambique, face ao desconhecimento do interior, passa meses em contínuos *raids* e reconhecimentos. Ainda em Moçambique, experimenta o fel das calúnias e um processo eivado de interesses por parte do oficial instrutor. Apesar da situação o deixar abalado (não só psicológica e fisicamente), assume a sua própria defesa sozinho, exige transparência e justiça, até que o «promotor de justiça desfez toda a acusação... fui absolvido por unanimidade e o presidente do Conselho de Guerra entregou-me a minha espada com palavras de honra e de louvor»⁵⁰, deixa escrito nas suas Memórias.

Desde criança, Gomes da Costa, aprende a ajustar-se de forma saudável a diferentes culturas e latitudes: Timor, Macau, Índia, Moçambique, Angola, São Tomé, Cabo Verde, China, Lisboa, Flandres. Como militar o seu fito é o cabal cumprimento das missões cometidas, pelo que estuda as personalidades e as realidades, organiza a segurança e a pacificação, conjuga os critérios dos modelos teóricos com as características da realidade, faz trabalho de campo sistematizado, recolhe informação holística para melhor planear, trabalha com as populações locais e envolve-as.

Tal como o General Fernando Tamagnini, Comandante do Corpo Expedicionário Português na Grande Guerra, Gomes da Costa experimenta o sentimento de permanente injustiça, de isolamento em relação ao centro de poder em Lisboa, de falta de apoio nomeadamente em relação aos efetivos (sobretudo oficiais), de desconsideração por parte dos políticos, de estar a participar numa guerra onde Portugal não deveria estar. Mas não são estes sentimentos que o bloqueiam ou impedem de continuar a cumprir a missão e a motivar o moral dos soldados⁵¹. Portugal está sempre à frente de si próprio.

Os seus escritos e as suas intervenções públicas no pós Grande Guerra não granjeavam a simpatia de todos, bem pelo contrário. Foi muito crítico em relação a políticos, a movimentos sociais, a governantes e com os escalões superiores do Exército. Abominava a promiscuidade entre a vida militar e os interesses políticos. Convivia muito mal com a impreparação de muitos responsáveis de setores do Estado, com a falta de competência de muitos oficiais das Forças Armadas, com a indiferença e

⁴⁹ Costa, 1930. Memórias, pp. 129-138.

⁵⁰ Costa, 1930. Memórias, pp. 107-112.

⁵¹ Borges, 2018, pp.403-407.

o *laissez faire* de pessoas e instituições, com a ausência de pensamento e de visão. Apesar dos governantes de então terem encetado várias diligências para o ir afastando de cena, Gomes da Costa manteve sempre a sua coragem e transparência⁵².

A passagem efémera pelo Conselho de Ministros e pela Presidência da República, sobretudo devido à sua dificuldade de equilíbrio, de diplomacia, de paciência que aquele momento histórico de Portugal requeria, não o fez perder a sua honorabilidade, nem hombridade, nem verticalidade, mais tarde reconhecidas com a atribuição do bastão de Marechal do Exército Português pelo Decreto nº 12397⁵³.

8. Logos: caráter, análise, reflexão, estudo, escrita

É suposto que a lógica interna de cada ser humano se manifeste nas suas práticas. É suposto que o Homem, enquanto ser social, enquanto membro de um povo, se comporte de acordo com a justiça, sendo a prática das virtudes a direção que evita a degradação da natureza humana⁵⁴.

O conhecimento daquilo que convém fazer e daquilo que convém evitar foi confiado ao ser humano. Há um terreno comum de “bondade elementar (*basic decency*)”, como lhe chamava George Orwell, entre Deus e o Homem, um terreno no qual os seres humanos se podem encontrar, dialogar, empreender, mesmo sem terem um conhecimento explícito de princípios éticos, ou de um Deus⁵⁵.

Desde jovem militar «Gomes da Costa atrai com o seu caráter franco, desprendido de preconceitos, com a sua conversa alegre e a sua delicadeza pessoal em que personifica o seu amor à liberdade verdadeira e sã... em Luanda deixa verdadeiros amigos e admiradores, como o deve ter compreendido bem nas manifestações de simpatia que lhe foram feitas⁵⁶. E continua o autor do artigo publicado a 4 de junho de 1912 no jornal “Província de Angola”: «Gomes da Costa não é só um chefe militar na guerra, é também um organizador na paz... Inteligente, ilustrado e com uma vasta cultura intelectual... tem verdadeira loucura pela obra legislativa de Sá da Bandeira e de Rebelo da Silva. Como jornalista a sua pena é primorosa, maneja-a com o vigor com

⁵² Serrão, 1989. História de Portugal, pp. 320-333.

⁵³ Marquês do Lavradio, pp. 34.

⁵⁴ Aristóteles, Ética a Nicómaco.

⁵⁵ Bague, 2019. Sobre a Religião, p. 77-80.

⁵⁶ Artigo de B.M., publicado no jornal “Província de Angola”, de 4 de junho de 1912, in Marechal Gomes da Costa (1930). Memórias, pp. 95-100.

que empunha a espada e dos seus bicos é incapaz de sair outra coisa que não seja a verdade e só a verdade»⁵⁷.

Gomes da Costa é exímio no comando e no cuidado com os seus homens, cultivando concomitantemente a leitura psicológica, a determinação moral e a arte literária, que brotam naturalmente do seu espírito atento, analítico e reflexivo. A descrição que faz da batalha de Macontene, a 21 de julho de 1897, é uma verdadeira obra literária, descrevendo com particular eloquência o enquadramento, a evolução das forças no terreno, as ressonâncias e processamentos emocionais, as memórias vivas, os ecos da realidade no espírito dos seus militares. O texto termina da seguinte forma: «...cada soldado com o coração satisfeito, a consciência tranquila pelo cumprimento do dever, uma faísca de comoção nos olhos, ao fitar a bandeira que flutua por cima de todas as cabeças e que simboliza a Pátria distante...»⁵⁸.

O seu livro sobre “Gaza” – 1897-98 – é um relatório completo da vasta região que governou: nele nos descreve as raças, os usos e costumes, a história, a fauna e a flora, a agricultura, etc.

O livro “A Grande Batalha do CEP, Batalha de Lys” é uma valiosa e detalhada base de dados e de informações.

As suas “Memórias” só têm o defeito de serem incompletas⁵⁹.

Quando o prestígio, a capacidade de organização e a coragem do Exército são postos em causa pelas altas figuras do Estado, no seu profissionalismo e coerência, Gomes da Costa oferece-se para combater na Flandres⁶⁰.

Por entre dificuldades de toda a ordem no teatro da Flandres, Gomes da Costa não abandona os seus homens. Em março de 1918 a 2ª Divisão rende a 1ª, continuando Gomes da Costa à frente desta, após ter sido graduado no posto de General «por revelar – diz o decreto – grande competência, forte ação no comando e outras qualidades de chefe».

Tal como o General Tamagnini, relata e reclama, de forma sucessiva, a falta de efetivos, especialmente graduados: os batalhões eram comandados por capitães, as companhias por alferes milicianos, militares com dezoito dias de trincheiras em serviço

⁵⁷ Artigo de B.M., publicado no jornal “Província de Angola”, de 4 de junho de 1912, in Marechal Gomes da Costa (1930). Memórias, pp. 95-100.

⁵⁸ Costa, 1930. Memórias, pp. 120-127.

⁵⁹ Marquês do Lavradio, página 36.

⁶⁰ Marquês do Lavradio, página 29.

ininterrupto, linha intermédia sem metralhadoras suficientes, soldados com o moral abatido, quadros de sargentos reduzidos a cinquenta por cento⁶¹.

A grandeza de carácter implica a devida ponderação associada à necessária coragem de correr riscos. O rigor metodológico da reflexão e da argumentação, que tanto pode sustentar decisões, fundamentar contraposições, como ajustar posições, é imprescindível para vencer a apatia e a indiferença a que, tantas vezes, se dá o nome de “prudência”. Escreve ele com ironia nas suas Memórias: «prudência, senhores generais, muita prudência! É com prudência que se conserva intacto o corpinho e nos braços os galões; que a dignidade e a honra fiquem em farrapos... nada quer dizer, são coisas que não se veem... Não há nada como o carácter e a decisão»⁶².

Como verdadeiro homem da substância do logos, tem dificuldade em lidar com jogos de interesses, com verdades incompletas, com meras aparências, com a falta de clareza, com espertezas e falsidades. «A duplicidade é uma virtude nos tempos que vão correndo, em que a cobardia anda aliada à falta de carácter e à falta de vergonha», escreve ele nas suas Memórias⁶³.

9. Espírito crítico: inconformado, temperamental, livre-pensador

Como se pode comprovar nas suas Memórias e nos demais escritos que lhe são atribuídos, Gomes da Costa cedo manifestou uma capacidade de análise rigorosa e consequente, traduzida em intervenções críticas em relação aos contextos onde está inserido, fossem eles o Colégio Militar, os padrões comportamentais dos Regimentos, a cultura interpretativa do serviço militar, os valores e ou a ausência deles nas fileiras, as indiferenças e apatias institucionais, a dificuldade de compreensão da intervenção militar no teatro de operações da Flandres, a consideração política pelo Corpo Expedicionário Português, o ambiente social e político do pós Grande Guerra.

Os termos e as expressões a que recorre deixam transparecer uma vontade de mudança, um grito de denúncia, um clamor de ética e de respeito pelas pessoas e pelas instituições, uma entrega e um serviço aos superiores interesses de Portugal. A montante da sua escrita, das suas intervenções, do seu agir, emerge a necessidade de mudança para melhor, de desenvolvimento, de progresso, de ordem, de pacificação, de

⁶¹ Gomes da Costa, A Grande Batalha do CEP, in Marquês do Lavradio: p. 65. Ver também Borges, J. V., Marques, I. P. & Dias, E. G. (2018). Diário de Campanha. General Fernando Tamagnini: Comandante do CEP, Comissão Portuguesa de História Militar.

⁶² Costa, 1930. Memórias, pp. 199. 204.

⁶³ Costa, 1930. Memórias, p. 207.

organização, de segurança e estabilidade. Apesar disso e contudo, perscrutando as suas intervenções, não se pode por de parte o potencial inflamador e socialmente instigador, uma vez que, recorrentemente, a construção frásica é rude, os vocábulos escolhidos são crus e a adjetivação acentua um juízo moral de reprovação e mesmo provocação. Tratar-se-á de um efeito colateral, ou de uma intenção premeditada?

Outras características que ressaltam do escrutínio de alguns dos seus escritos são a objetividade (a sua interpretação das mesmas denúncia várias caricaturas), a dificuldade em (com)viver com a falta de ordem e disciplina (as ideologias anarquistas e mesmo liberais), a denúncia dos interesses de grupos em prejuízo do interesse coletivo nacional, certa tendência para a generalização.

O homem disciplinado e disciplinador, com tanto tempo de primeira linha e de combate, perante situações inesperadas ou não condizentes com o seu quadro de valores, parece perder a autorregulação, tal a impulsividade e reatividade das suas entrevistas e dos últimos escritos. A título de exemplo, repare-se nos excertos que a seguir se transcrevem, retirados das suas Memórias: «a política mandava no exército; transferia-se um oficial ou sargento a pedido dum trunfo político; colocavam-se na Guarda ou em comissões boas a pedido de políticos, enfim, dependia-se em tudo de políticos e portanto, a podridão e indiferença dos políticos passou para o Exército e passou a ser uma das suas caraterísticas»⁶⁴.

Mais adiante deixa escrito: «A política, essa prostituta infeta, exercera uma ação nefasta e dissolvente no país cobrindo-o de pústulas infames; e como era de prever, contaminou o exército. Oitenta anos de paz podre tinham consumido todos os sentimentos de honra, de dignidade, de valor, de nobreza do exército, e converteram-no num grupo de empregados públicos, rotos e esfomeados, mendigos de galões»⁶⁵.

Ainda nas páginas seguintes: «...Desde que a disciplina é a obediência às ordens dos chefes ineptos, incapazes e absurdos, é claro que a desordem e a covardia são as legítimas consequências. Porque entre nós entende-se que oficial disciplinado é aquele que não faz a mais ligeira observação ao chefe, que aparenta obedecer-lhe, que o adula, que o bajula, que sorri às suas graças parvas, e apoia as suas cóleras infantis. O oficial com caráter, com hombridade, com energia era e é o oficial (considerado) indisciplinado»⁶⁶.

⁶⁴ Costa, 1930. Memórias, p. 177.

⁶⁵ Costa, 1930. Memórias, p. 188.

⁶⁶ Costa, 1930. Memórias, pp. 176-177.

«A obediência verdadeira precisa de ser cercada da consideração indispensável: o homem não perdoa ao imbecil que vê empoleirado, a dispor do poder, a quem tem de obedecer»; a esta afirmação seguem-se ferozes ataques a comandantes medíocres, à organização do Exército sofrível e não pensada, aos padrões comportamentais laxistas, ao interesse exagerado pela forma descurando a substância⁶⁷.

Terminada a Grande Guerra, perante a instabilidade crescente – os governos sucediam-se a um ritmo alucinante; o país contava dezenas de ministérios da mais variada formação, não havendo nenhum elenco que tivesse ultrapassado os 18 meses de vida; os atentados bombistas aconteciam e eram imprevisíveis; a atividade anarco-sindicalista convivía de muito perto com as carestias de vida e os tumultos nas zonas urbanas com proletariado; os episódios de sublevação e indisciplina na GNR, no Exército e na Armada sucediam-se; a população vivia amargurada pelas incertezas do quotidiano, pelo sentimento de insegurança, pela falta de autoridade das instituições da república, pela frenética intriga política publicada, pela falta de esperança de dias melhores⁶⁸ – o espírito inconformado de Gomes da Costa leva-o a focar-se no país como um todo e na defesa do seu povo. Escreve: «o país, precisa de alguns anos de paz, sob uma administração honrada, ativa, enérgica e digna, para se refazer; precisa de orientação; precisa de homens leais, crentes e dedicados que o eduquem, que o ensinem e que varram todo o lixo da política caseira; precisa expulsar, aniquilar o ceticismo e a descrença num futuro melhor; precisa destruir, eliminar, quantos por prazer, ou por espírito doentio, procuram amesquinhar a Nação; precisa, fazer com que todos se interessem pelo progresso e pela felicidade do Povo – isto é, de todos nós – batendo, destruindo, aniquilando a mentira, a ignorância, a maldade, a vaidade e as ambições vis»⁶⁹.

Era irrequieto, inconformado, corajoso, determinado, veemente, interventivo, gostava de conspirar, sem nunca descurar a reflexão, a acuidade da atenção, a antecipação do custo/benefício, o sopeso dos riscos e ganhos para o povo e para o país, pelo que recusou muitos dos convites para encetar uma revolução por achar que não havia um programa e plano concretos, por se dar conta da falta de ideias para o que viria a seguir.

⁶⁷ Costa, 1930. Memórias, pp. 191-197.

⁶⁸ Serrão, J. V. (1989). História de Portugal. Volume XI, p. 320; Ameal, Mascarenhas & Lapa. (1956). Anais da Revolução Nacional.

⁶⁹ Costa, 1930. Memórias, pp. 144-145.

Só quando teve a certeza de que havia possibilidade de ser bem-sucedido é que secretamente se meteu num automóvel, sem farda sequer, e foi à paisana até Braga. Na primeira entrevista que concedeu em Braga, o chefe do 28 de maio era perentório: «queremos libertar o país de uma nefasta influência, nociva a todos os respetos, que o traz oprimido, entregando a sua governação a gente competente e capaz de fazer aquela grande obra de reconstrução social que se impõe e toda a nação reclama (...) Não somos políticos. Nada queremos com os políticos»⁷⁰.

Nunca teve problemas de dizer o que pensava. Tinha uma linguagem rude e usava termos agrestes. Foi precisamente este temperamento e abordagem dos assuntos que fez desencadear a turbulência no Conselho de Ministros e trouxe ao de cima a sua incapacidade para gerir os delicados equilíbrios da Presidência⁷¹.

10. Aglutinador: construtor de redes

Provavelmente desde a mais tenra infância, na família, e desde a adolescência, no Colégio Militar, Gomes da Costa interiorizou a importância de viver em rede, de construir redes sociais assentes em laços de lealdade, transparência e confiança.

Percebeu a monitorização dos pais e dos adultos significativos, bem como o seu empenho em proporcionar oportunidades para um futuro de honra e realização. No Colégio Militar e na Escola do Exército consegue aferir e distinguir os adultos significativos a quem imitar, daqueles que não assumiam as próprias responsabilidades e competências⁷².

A experiência como soldado, como Cadete da Escola do Exército e como instrutor no Regimento de Infantaria de Tomar dá-lhe a certeza de que viver em contextos com ordem, ritmos e regras, ajuda a ordenar o interior e favorece a autorregulação e a disciplina. Como oficial instrutor compete-lhe ser um adulto exemplar, preocupado, próximo, interessado, atento aos detalhes, de modo a tornar-se significativo e agente de vínculos que inspirem confiança e segurança. A honra, a coerência, a lógica de procedimentos, o sentido de justiça e de humanidade potenciam o replicar de tais atitudes nas novas gerações de soldados⁷³.

Como subalterno e Capitão, no cumprimento das missões que lhe foram atribuídas na Índia e em África, Gomes da Costa tem consciência da necessidade de

⁷⁰ Jornal O Século, ano 47, n.º 15891, Lisboa, 30 de maio de 1926, in Serrão, 1989: p. 331.

⁷¹ Pereira & Almeida, 2011. www.ensina.rtp.pt/artigo/gomes-da-costa.

⁷² Costa, 1930. Memórias, pp. 3-32.

⁷³ Costa, 1930. Memórias, pp. 32-34.

investir todas as suas competências ao serviço da construção do espírito de corpo coeso e forte. A disciplina, a clareza, o brio, a abnegação, o otimismo, o profissionalismo, o sacrifício, a justiça, a transparência, a interajuda e todos outros valores e virtudes do bom militar precisam de redes sociais confiantes e inspiradoras de confiança. A frontalidade, a proximidade, a participação direta nas operações, o trabalho de campo, o exemplo, os exercícios levam-no a construir laços de respeito e consideração. Ganha autoridade e o seu exercício de comando desenrola-se com naturalidade e sentido de pertença. Valoriza as pessoas que lhe são confiadas, testa-as e envolve-as nos desafios da vida quotidiana, seja na Índia, seja na África, seja na Flandres⁷⁴.

Gomes da Costa era aglutinador até nos domínios da vida privada. Como conta o neto, apreciava ter a casa sempre cheia, fazia questão de entrar nas atividades lúdicas dos 18 netos, não se coibia de pregar partidas à mulher e aos filhos (três), tinha gosto em partilhar as refeições com toda a família, recebia os amigos para conversar sobre os mais diversos assuntos, até para conspirar, de modo que a casa nunca estava vazia⁷⁵.

O seu carácter, as competências, o quadro de valores que o moldava, o saber comandar em horas difíceis, a solidez do rumo, a capacidade de liderança e motivação, a determinação que se impõe sobre os riscos, alimentavam a confiança nos interlocutores, fazendo possível estabelecer uma plataforma segura de entendimento e de diálogo. E quando teve a certeza de que havia possibilidades de ser bem-sucedido, aceitou chefiar o movimento militar de 28 de maio.

Na narrativa de Joaquim Veríssimo Serrão o movimento militar do 28 de maio veio a assumir-se como expressão de um movimento nacional. Traduziu-se num desaguar de todas as oposições, vindas do seio ou de fora do regime, contra a supremacia do partido democrático, contra a falta de seriedade e patriotismo, contra a anarquia dos serviços públicos, contra a descrença geral que vinham desmoralizando o país e destruindo o indispensável respeito do povo pelos seus dirigentes. A apatia e a indiferença alimentavam a falta de esperança de uma mudança para melhor. A alternância nos altos cargos, sem competência, sem transparência, divorciados da grande massa da população, paciente e laboriosa, visavam tão-somente usufruir o poder durante algum tempo, distribuindo os bons empregos do Estado pelos amigos, sem atenção pelos interesses reais. Por isso, para além dos militares que não podiam aceitar a degradação da vida partidária, não foi menos decisivo o apoio de grupos civis,

⁷⁴ Costa, 1930. Memórias, pp. 70-90.

⁷⁵ Pereira, A & Almeida, R. (2011). www.ensina.rtp.pt/artigo/gomes-da-costa.

momento instalados nos órgãos de informação, que desde a primeira hora ajudaram a fortalecer uma tomada de consciência na opinião pública⁷⁶.

A indiferença, o *laissez-faire*, a desordem, o deslaçamento, a falta de sentido de pertença, a ignorância dos símbolos, o caos, a anarquia, a ausência de rumo tornam-se perniciosas, desmotivam, sugam a esperança, desmobilizam o caminhar, anulam o empreendedorismo, desembocam na descrença, arruinam as instituições e o país. Gomes da Costa percebe a necessidade de instituições fortes, bem lideradas, transparentes para mobilizar positivamente o povo e o país. Quando não se alimentam expectativas, quando não se dão razões para acreditar, quando não se traçam linhas para chegar mais longe com sustentabilidade, quando não se aspira a mais desenvolvimento e mais qualidade, as instituições, associações e organizações iniciam o processo de degradação, de extinção, de definhamento. Torna-se necessário construir redes, instituições, que apenas porque existem de forma transparente semeiam a esperança; torna-se necessário fomentar nas novas gerações o conhecimento e interiorização dos símbolos nacionais e o sentido de pertença; torna-se necessário desenvolver concomitantemente as competências de vida, as competências técnicas, as competências sociais, as competências criativas, as competências comunitárias para se compreender os deveres de cidadão, as noções de patriotismo, de dignidade, de independência de caráter, de serviço ao interesse coletivo, de desenvolvimento e progresso⁷⁷.

O engenho e a arte da construção de redes, supostamente desenvolvido de forma natural no envolvimento familiar e nas comunidades/bairros de base, tal como no tempo do Marechal Gomes da Costa precisam de ser potenciados e desenvolvidos.

Conclusão

«Eu sou eu e as minhas circunstâncias»⁷⁸, máxima de Ortega y Gasset, citada recorrentemente quer em domínios informais, quer em fóruns eruditos, tornou-se quase um princípio hermenêutico justificativo da qualidade com que se vive, tantas vezes evocado como expressão de um fatalismo, ou de uma impotência para alterar o *status quo* da existência pessoal e da história.

A pessoa modelar do Marechal Gomes da Costa prova que não temos e não devemos resignar-nos aos determinantes genéticos, nem às circunstâncias históricas que

⁷⁶ Serrão, J. V. (1989). História de Portugal. Volume XI, pp. 321-324.

⁷⁷ Costa, 1930. Memórias, pp. 223-224.

⁷⁸ Ortega Y Gasset, 1914.

nos são dadas viver. Está ao nosso alcance ser agentes de mudança para melhor, ser fatores de motivação e de inovação, empreender dinâmicas geradoras de confiança e de esperança num futuro com mais oportunidades de realização nossa e do povo que servimos. Podemos ser mais, ir mais longe, viver com mais sentido, aprofundar mais o existir, se as nossas opções deliberadas se libertarem da entropia das pressões endógenas (medos) e das exógenas (lobies) e trilharem o caminho da procura do desenvolvimento ótimo das próprias competências, do conhecimento aprofundado das próprias capacidades e limites, da identificação de potencialidades e meios que mobilizem; podemos ser e saber mais, quando apostamos na investigação, na formação contínua, em plataformas de cooperação das diferentes ciências, na criação de redes de confiança que facilitem o fluxo do saber, em diálogo; podemos ser, saber e fazer mais e melhor se empreendermos a ligação entre o estado da arte das ciências e as opções deliberadas de ação, se tivermos consciência da missão de servir o interesse coletivo, se nos deixarmos iluminar pelo trabalho conjunto para se obter contextos mais seguros, mais pacíficos, mais comunitários, mais ligados à ordem, à segurança, ao respeito, ao entendimento, à convergência, à transparência.

A História de Portugal providencia brilhantes modelos como o Marechal Gomes da Costa de quem o Marquês do Lavradio dá o seguinte testemunho: «é como militar que ele é grande na Índia, na África e em França; é ainda como militar que ele intervém na vida política portuguesa; e é ainda por ser essencialmente militar que ele escreve: “sou português, soldado e nada mais, mas como português creio no futuro da minha Pátria”⁷⁹.

Escreveu Ferreira do Amaral sobre Gomes da Costa: «A bravura pessoal quando é como a que o Marechal possuía, é quase uma arte, sempre revestida de elegância, de estética, e de brilho natural. Os rasgos de bravura do Marechal, em combate e na guerra, causavam sempre aos que o cercavam e acompanhavam uma impressão que é difícil definir. Cada um desses rasgos era um episódio, que nunca mais se esquecia e que se ouvia contar sem terror nem repulsa, mas antes com um sorriso de admiração»⁸⁰.

A formação inicial de Gomes da Costa lapidou-o com tal incisividade, que ele interiorizou que comandar é estar disponível para aprender constantemente no equilíbrio entre a teoria e a realidade, é ter iniciativa e empreender de forma construtiva, é ter a coragem de correr riscos, é estar próximo, ser exemplar e saber dialogar “olhos nos

⁷⁹ Marquês do Lavradio, página 37.

⁸⁰ Ferreira do Amaral, in Marquês do Lavradio, página 70.

olhos” com as pessoas e com as situações, é saber refletir sobre os sucessos e os fracassos, é assumir a inteireza de quem tem consciência de si, da missão e de quem se serve, é acreditar em si e no futuro. Quem assim constrói a sua existência, o seu estilo de vida, suscita naturalmente a confiança, o respeito, a admiração.

Cada ser humano é, em si mesmo, uma plataforma de relação, de comunicação consigo próprio (inato/herança genética), com os contextos (circunstâncias), com as expectativas (os sonhos, os anseios, o que virá), com os outros (redes sociais concretas e virtuais), com as variáveis que não se controlam (os dados meta). Como seres relacionais, tal como Marechal Gomes da Costa, importa cultivar o espírito-crítico, sagaz e perspicaz, inconformados com as falsidades, o aproveitamento de vantagens e tudo o que se afasta da transparência, das boas práticas e do bom uso dos recursos.

Só se consegue comandar bem quando se aglutina, quando se constrói redes de confiança, quando se motiva a acreditar e se mobiliza a caminhar com rumo, ultrapassando metas. Somos vocacionados a ser Comandantes e Portugal reclama de nós verdadeira liderança enquanto cidadãos credenciados para assumir as responsabilidades mais cruciais, no espírito de servir com perseverança, vencendo todo o tipo de adversidades, com disciplina, mesmo com custos pessoais. Cumprir Portugal exige que as nossas opções e ações deliberadas sejam de tal modo ponderadas que nos façam dar o melhor. Portugal conta connosco! Portugal conta convosco!

O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!⁸¹

⁸¹ Fernando Pessoa (1934). Mensagem. p. 57.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, Mouzinho (1935). *Livor das Campanhas*. Divisão de Publicações e Biblioteca Agência Geral das Colónias: Relatório da Campanha dos Namarrais.
- Ameal, J., Mascarenhas, D. & Lapa, M. (1956). *Anais da Revolução Nacional*. Volume I: A Revolução de Maio na História de Portugal. Editor: Eurico Lima de Magalhães e Augusto Dias Arnaut.
- Aristóteles (séc. IV a.c.). *Ética a Nicómaco*. Lisboa: Quetzal Editores, 2009.
- Bisegger, C., Cloetta, B., von Rüden, U., Abel, T., Ravens-Sieberer, U. & The European KIDSCREEN Group (2005). Health-related quality of life: gender differences in childhood and adolescence. *Sozial und Präventivmedizin*, 50, 281-291.
- Boecio (480-524). (524). *De Consolatione Philosophiae*.
- Borges, J. V. (2018). Diário da Campanha do General Fernando Tamagnini: Leitura de um Camarada de Armas. In Borges, J. V., Marques, I. P. & Dias, E. G. (2018). *Diário de Campanha. General Fernando Tamagnini: Comandante do CEP*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, pp. 399-410.
- Borges, J. V., Marques, I. P. & Dias, E. G. (2018). *Diário de Campanha. General Fernando Tamagnini: Comandante do CEP*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar.
- Brague, R. (2019). *Sobre a Religião. E a sua relação com a Razão, a Liberdade e a Violência*. Cascais: Lucerna.
- Costa, M. G. (1930). *Memórias*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Escola do Exército (1831). Livro 11, folhas 44, masso 51, n.º de processo 3 203.
- Ferraz, R. B., Tavares, H., & Zilberman, M. L. (2007). Felicidade: Uma revisão. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34(5), 234-242
- Lyubomirsky, S. (2008). *La Ciencia de la Felicidad*. Barcelona: Ediciones Urano.
- Lyubomirsky, S., Sheldon, K. & Schkade, D. (2005). Pursuing happiness: The architecture of sustainable change. *Review of General Psychology*, 9, 111-131.
- Lyubomirsky, S., King, L. & Diener, E. (2005). The benefits of frequent positive affect: does happiness lead to success? *Psychological Bulletin*, 131(6), 803-855.

- Martins, F. (1945). *História do Exército Português*. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada.
- Marquês do Lavradio. (1942). *Marechal Manuel de Oliveira Gomes da Costa*, Coleção pelo Império nº 80, República Portuguesa: Ministério das Colónias: Divisão de Publicações e Biblioteca: Agência Geral das Colónias.
- Ortega y Gasset, J. (1914). *Meditações do Quixote*. Editor: José Ortega y Gasset: Livro Ibero-Americano. 1967.
- Pessoa, F. (1934). *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira. Lisboa: Ática (1972). 10ª edição.
- Pereira, A & Almeida, R. (2011). www.ensina.rtp.pt/artigo/gomes-da-costa.
- Serrão, J. V. (1989). *História de Portugal*. Volume XI: a Primeira República (1910-1926). História Política, Religiosa, Militar e Ultramarina. Lisboa: Verbo
- Rosas, F. & Brito, B. (1996). *Dicionário de História do Estado Novo*, Vol I, Bertrand Editora: Venda Nova.
- Sánchez, L. (2008). *Necesidades en la infancia y en la adolescencia. Respuesta familiar, escolar y social*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Taylor, S. E., Way, B. M., Welch, W. T., Hilmert, C. J., Lehman, B. J., & Eisenberger, N. I. (2006). Early family environment, current adversity, the serotonin transporter polymorphism, and depressive symptomatology. *Biological Psychiatry*, 60, 671-676.
- Wilson, T.D. & Gilbert, D. T. (2005). Affective forecasting: knowing what to want. *Current Directions in Psychological Science*, 14(3), 131-34.